

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MECANISMOS DE DISCRIMINAÇÃO

Caroline F. Jango da Silva (UNICAMP)

caroljango@uol.com.br

Conflitos interpessoais na instituição educativa: relações interculturais, infância, juventude, gênero e raça

A presente pesquisa teve por objetivo investigar as representações sociais acerca das crianças negras na educação infantil e os mecanismos de discriminação racial existentes nesta instituição. Objetivou-se, também, analisar como os educadores abordam a questão da diversidade racial em sua prática pedagógica com as crianças e como estes resolvem os possíveis conflitos advindos dessa diversidade. Com este trabalho visamos provocar no educador e na sociedade uma reflexão crítica acerca das relações raciais e suas implicações nas instituições de ensino, objetivando destituir das práticas sociais e pedagógicas os elementos trazidos pelo mito da democracia racial e pelo ideal de branqueamento. Este trabalho foi realizado com perspectiva no conceito de representações sociais de Moscovici. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que se utilizou da observação para se realizar. A observação foi registrada em caderno de campo e, a partir dos registros, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 10 educadoras de uma creche municipal localizada em Paulínia. Tais entrevistas foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo. Com os resultados constatamos que representações negativas acerca da criança negra são compartilhadas na instituição de educação infantil; identificamos diversos mecanismos de discriminação nos recursos pedagógicos da creche e na prática pedagógica das educadoras. Consideramos deste modo, que o preconceito racial perpassa pela instituição que atende a pequena infância impondo o modelo branco superior de valores, cultura e estética às crianças negras. Deste modo, as crianças estão vivenciando um espaço de socialização que não respeita suas origens étnico-raciais e que não promove a valorização da diferença.

Palavras-Chave: preconceito racial; criança negra; representação social.

INTRODUÇÃO

Como educadora infantil e, também, pesquisadora iniciada na temática do racismo, trouxe algumas indagações acerca das relações raciais para o meu

próprio meio de trabalho: a instituição de educação infantil, ou seja, a partir de alguns questionamentos, reflexões, estudos e observações do cotidiano, um tema de pesquisa foi, portanto, delimitado. Durante o ano de 2008 debruicei-me sobre esta temática através de uma pesquisa científica¹ realizada no município de Paulínia²

A referida pesquisa teve por objetivo investigar a construção e o compartilhamento de representações sociais acerca das crianças negras na educação infantil, bem como os mecanismos de discriminação racial existentes nesta instituição. Objetivou-se, também, analisar como os educadores abordam a questão da diversidade racial em sua prática pedagógica com as crianças e como estes resolvem os possíveis conflitos advindos dessa diversidade. Com este trabalho visamos provocar no educador e na sociedade uma reflexão crítica acerca das relações raciais e suas implicações nas instituições de ensino, visando destituir das práticas sociais e pedagógicas os elementos trazidos pelo mito da democracia racial e pelo ideal de branqueamento. A pesquisa foi realizada com perspectiva no conceito de representações sociais de Moscovici³. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que se utilizou da observação para se realizar.

Para a compreensão desta temática tão complexa acreditamos ser de fundamental importância que os educadores envolvidos no processo ensino-aprendizagem tenham a capacidade de problematizar esta questão, ou seja, se faz necessário que o professor tenha uma postura crítica para assumir o fato de que o Brasil é um país racista e que o preconceito racial velado que caracteriza nosso país adentra a instituição escolar influenciando a formação do ser social que depende da escola para se constituir.

Para tanto, um primeiro passo seria entendermos minimamente sobre a constituição das relações raciais no Brasil, ou seja, compreender como foi

¹ Tese apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Ângela Fátima Soligo.

² Município localizado no Estado de São Paulo, especificamente na Região Metropolitana de Campinas (RMC). A população atual de Paulínia é de aproximadamente 85.000 habitantes.

³ Ver MOSCOVICI (1978, 2003).

estruturado o ideal de branqueamento e o mito da democracia racial cujos elementos ainda permeiam os discursos e as práticas sociais e pedagógicas atuais.

Em suma, o ideal de branqueamento foi estruturado antes da abolição da escravidão tinha como objetivo miscigenar a população, ou seja, tornar a população negra gradualmente mais branca, homogênea, uma nação européia. Já o Mito da democracia racial apoiava-se na generalização de casos de ascensão social do mulato, mas esta mobilidade ocorria para uma minoria e, além disso, ocorria à custa da depreciação do negro.

Sabemos deste modo, que a desvalorização dos costumes, da cultura, da estética e da religião negra africana ocorreu de forma gradual e ininterrupta até os dias atuais, aprendemos a valorizar a cultura branca européia e a negar nossas raízes africanas. E mesmo sendo um país marcado pelas mazelas da escravidão o Brasil, por muito tempo, “vendeu” uma imagem deturpada, de país “tolerante”, cujas relações raciais não apresentam tensões e cujos cidadãos afro-descendentes possuem as mesmas oportunidades que os demais.

Tal imagem equivocada foi cultivada e tornou um empecilho para a transformação efetiva das desigualdades raciais comprovadamente existentes no país. Atualmente, as estatísticas educacionais, do mercado de trabalho, da mortalidade infantil⁴ entre outras ainda apontam o descompasso em que vivem muitos brasileiros pretos e pardos que ainda procuram seu espaço no “país da democracia racial”.

Com certeza os aspectos que envolvem a temática do racismo na escola são diversos e complexos como a temática em si, pois a instituição escolar pode ser um agente transformador do cenário de desigualdade racial, porém também pode ajudar a legitimar e a difundir preconceitos.

Para estudar esta temática de modo aprofundado, optamos por fazer uma pesquisa de campo em uma creche pública localizada no município de

⁴ Ver Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil; 2007-2008 organizado por Marcelo Paixão e Luiz M. Carvano.

Paulínia. Foram observados os recursos pedagógicos existentes nesta instituição bem como problematizadas as práticas pedagógicas das educadoras em relação à diversidade racial.

Para tanto, foi utilizado caderno de campo para registrar os recursos pedagógicos e demais observações do campo, em seguida, foi elaborada entrevista semi-estruturada que foi desenvolvida com 10 educadoras, individualmente, para investigar, através dos discursos das mesmas suas representações acerca do segmento negro, suas práticas pedagógicas afirmativas ou não da diversidade étnico-racial e os possíveis mecanismos de discriminação racial existentes nesta instituição de ensino.

Para nortear a investigação das representações sociais nos respaldamos na teoria das representações sociais de Serge Moscovici. Este estudioso definiu representação social como um sistema de valores, idéias e práticas, como uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 1976, apud DUVEEN 2003).

Uma vez que as representações sociais se formam a partir da realidade cotidiana dos indivíduos e grupos, que são armazenadas na nossa linguagem e que são criadas em um ambiente humano complexo, torna-se possível investigar, através de entrevistas e conseqüentemente do discurso dos sujeitos, as representações sociais que estes constroem e compartilham com seu coletivo. Segundo Moscovici (2003), as representações, através de sua autonomia e das pressões que as mesmas exercem, apresentam-se como se fossem realidades inquestionáveis que nós temos de confrontá-las.

Moscovici (2003) alega que as representações sociais emergem a partir de pontos duradouros de conflito, dentro das estruturas representacionais da

própria cultura, por exemplo, na tensão entre o reconhecimento formal da universalidade dos “direitos humanos” e sua negação a grupos específicos dentro da sociedade. Para este autor a luta que tais fatos acarretaram foram também lutas para novas formas de representação.

Sendo assim, as tensões raciais existentes nas instituições de ensino podem corroborar para a construção de novas representações acerca dos negros, assim como pode fortalecer o compartilhamento de representações sociais já existentes sobre este grupo específico. “Nenhuma mente está livre de efeitos de condicionamentos anteriores que lhes são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. (...) Nós vemos apenas o que convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções” (MOSCOVICI, 2003, p.35).

A partir das entrevistas, das observações dos recursos pedagógicos e de estudos científicos consolidados, foi possível estruturar e delimitar cinco aspectos passíveis de análise.

QUANTO AOS LIVROS UTILIZADOS PELAS EDUCADORAS

“O livro, como signo, nunca é um instrumento neutro no processo social, e torna-se particularmente relevante quando há uma discussão de valores em curso. O papel do livro lido por mentes em formação, assim, não pode ser menosprezado” (DÓRIA, 2008, p.16).

Contatou-se que a leitura para a criança é uma prática cotidiana muito valorizada na creche, na qual, a pesquisa foi realizada. Além disso, a pesquisa de campo, bem como as entrevistas, aponta que a escolha e o manuseio dos livros, muitas vezes, e feito pelas próprias crianças.

As crianças não são, portanto, meras ouvintes das histórias, são, também, leitoras da imagem, leitoras dos gestos de quem as contam e (re) produtoras, cada qual ao seu modo, da história que lhes foi contada. Frente a

estas constatações pode-se destacar que a criança também é educada através dos livros, uma vez que estes trazem mensagens e representações que são interiorizadas e re-significadas pelas crianças.

Se observarmos desde a escolha do livro até o modo com que a história é contada, é possível refletir acerca da intencionalidade da prática da educadora, ou seja, por que este livro e não outro? Com quais fins a leitura está sendo feita? Quem são os interlocutores? Estes são questionamentos cuja resposta indica qual a relevância que determinados assuntos assumem nas práticas pedagógicas do educador, assim como as representações sociais que estes detêm acerca de seus alunos.

Com base nesta reflexão, antes do início da entrevista com a educadora, era solicitado a esta escolher cinco livros que mais utilizasse com as crianças. Em seguida, foram feitos os seguintes questionamentos: Porque você escolheu estes livros e qual a importância de se trabalhar com eles?

Nenhuma das educadoras citou em sua resposta à primeira pergunta o fato de escolherem os livros pensando na diversidade étnico-racial que estes possam ou não apresentar. Mostrando claramente que diversidade de representações de pessoas não é critério para a escolha dos livros que estas trabalharam com as crianças.

Do total de livros escolhidos pelas educadoras, que apresentam representação de pessoas, 96,5% apresentam pessoas brancas. E, somente, 13,7% apresentam ilustrações de pessoas negras.

Dentre os quatro livros que trazem representações do negro, está o livro do Saci sapeca. Não entrando no mérito da tradição folclórica, é preciso ter em mente que a figura do Saci que o livro apresenta é a seguinte: Menino Negro de uma perna só, que fuma cachimbo, a deixa a Dona Esmeralda de “cabelo em pé”, com suas travessuras. Além disso, nesta história, existem outras crianças, que são bondosas... e brancas, é claro!

Nada contra o Saci! Mas será que este não está sendo o único modelo de criança negra que inculcamos nos nossos alunos, quando escolhemos apenas este livro que representa o segmento negro para eles?

Algumas educadoras argumentaram a escolha do Saci como um recurso para trabalhar folclore, no entanto, vejam a descrição da fala de uma das educadoras ao argumentar o porquê de sua escolha:

“Do Saciperê, é a diferença, né, ele é escurinho tem uma perna só, ele é diferente né, e fala assim da maldade, mas na verdade não é maldade é “sapequisse” dele entendeu? Ele faz tudo isso por que na verdade ele quer atenção, ele é sozinho. E a diferença, que mostra a diferença né, eles ficam curiosos, porque tem uma perna só, por que tem outra cor, então fala mesmo da brincadeira, da atenção que ele quer e da diferença” (Educ. I).

Fica claro que a educadora percebe o livro do saci não apenas um conto folclórico, mas como um recurso para se trabalhar a diferença. No entanto, o livro ilustra uma figura estereotipada do negro que evidencia a diferença como inferioridade. Trata-se, portanto, de uma representação negativa acerca da criança negra, ou seja, “o escurinho”, “o diferente” o “malvado”.

Outro livro que foi escolhido por uma das educadoras, que traz a representação da criança negra, contém 7 figuras de crianças brancas e apenas 1 de criança negra.

Estas constatações sublinham, no mínimo, a desconsideração quanto à diversidade étnica racial objetivada no Regimento escolar. Sem tocar no desrespeito as crianças e suas famílias que ou não são representadas, ou são sub-representadas no universo branco ao qual a escola é concebida.

“De modo geral, a escola nega essa população, não discute a realidade social das pessoas negras e, ao transmitir a cultura eurocêntrica como uma cultura hierarquicamente superior, amplia a exclusão social da população negra” (SILVA, 2007, p.153).

Podemos destacar que 2 livros felizmente trazem representações positivas da criança negra e de sua família, valorizando sua cultura e estética. Os livros aos quais me refiro são: “Menina bonita do laço de fita” e “Pais e Mães”. As educadoras que citaram tais livros alegaram ter trazido os mesmos de sua casa. No entanto, ambas não justificaram a escolha dos livros na primeira questão. Somente no decorrer das entrevistas estes livros foram retomados pelas educadoras.

Nos livros da biblioteca a presença da representação do branco, sua cultura e seus valores, é esmagadoramente maior em relação à do negro. No entanto, o dado mais preocupante trata-se da escolha dos livros que as educadoras mais utilizam em sua prática, pois ficou muita evidente nas entrevistas que dentre os critérios utilizados para escolher o livro nenhum destes representou alguma preocupação relacionada ao tipo de representação de pessoa expressa no mesmo.

Tendo em mente que “O livro, como signo, nunca é um instrumento neutro no processo social, e torna-se particularmente relevante quando há uma discussão de valores em curso.” (DÓRIA, 2008, p.16) estas constatações sublinham, no mínimo, o desrespeito para com as crianças e suas famílias que ou não são representadas, ou são sub-representadas no universo branco ao qual a escola é concebida.

As leis, ou seja, a Constituição Federal, as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e até mesmo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), prevêm que a criança deverá ser orientada dentro dos princípios de igualdade, respeito aos direitos humanos e conseqüentemente a diversidade étnico-racial. Trata-se, portanto, não de uma opção político-pedagógica e sim de um dever do educador trabalhar a diversidade cultural, racial e étnica.

QUANTO AO TRABALHO PEDAGÓGICO COM O TEMA DA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL

A pesquisa constatou a ausência de ação pedagógica que objetive a valorização da diversidade racial e da diferença de um modo geral. As ações que ocorrem são sempre esporádicas e individuais, ou seja, o trabalho com a diversidade está sendo conduzido de forma apenas a resolver conflitos e não como uma prática cotidiana de enfrentamento do preconceito e de valorização da cultura africana. Silva (2007) destaca que, de modo geral, a escola nega essa população, não discute a realidade social das pessoas negras e, ao transmitir a cultura eurocêntrica como uma cultura hierarquicamente superior, amplia a exclusão social da população negra.

Como justificativa para a ausência de ação pedagógica quanto à diversidade racial dá-se o argumento de que “*na turma não existem crianças negras*”, ou alegam não saber como trabalhar a questão. Com estes argumentos os professores esquecem que nós não educamos crianças para conviverem apenas com seus “colegas de turma”, e sim, educamos crianças para se tornarem seres sociais capazes de se colocarem no lugar do outro, capazes de cumprir seus deveres de cidadãos que são, em tese, iguais para todos, principalmente se tratando da realidade do Brasil, país multirracial, multicultural e diverso. Além disso, quando o professor alega não saber como trabalhar esta questão deveria ter em mente seu papel transformador em relação às relações raciais, podendo assim de modo não-alienado procurar meios de enriquecer sua prática e possibilitar esse trabalho através de diversos estudos⁵ já realizados acerca desta questão.

Não basta dizer que “o negro é uma pessoa como todas as outras, ela só tem uma cor de pele diferente”, como destacou uma educadora. Na verdade,

⁵ Ver por exemplo SOUZA (2005), CAVALLEIRO (2003), SOLIGO (1996, 2001), ROMÃO, Ivan (org), (1997), MENEZES (2008), SILVA, P. (2001), SILVA (2008).

o problema não está no fato de ser igual e sim no fato de ser valorizado enquanto diferente. Aliás, mesmo dito como igual, já ficou claro que o negro, ao menos na análise dos livros, é sub-representado em relação ao branco. Na própria fala de algumas educadoras fica evidente que quem tem a pele diferente é o negro, isto, porque o parâmetro/modelo de comparação é o branco.

Para trabalhar a diversidade de fato, ou seja, para trabalhar o valor e o respeito às diferenças não se pode basear-se em modelos. Se a educadora diz que o diferente é o negro, por que assim ela aprendeu, quando as “características” do negro forem trabalhadas corre-se o risco de estas serem tratados como inferior. Ademais, o que se deve trabalhar enquanto diversidade racial não são apenas as características, ou seja, é necessário valorizar para além da estética negra, sua cultura, valores, tradições etc.

Ademais, quando a prática pedagógica priorizar a pluralidade étnico-racial nós não precisaremos mais temer o discurso homogeneizante que insiste em tratar como iguais seres sociais constituídos na diferença.

QUANTO À PRESENÇA DO SUJEITO NEGRO NOS RECURSOS PEDAGÓGICOS

Podemos acrescentar que, além da pouca representação do negro nos livros, os recursos como cartazes com figuras de revistas, pastas de figuras de pessoas e as bonecas também destacam a sobreposição da representação do branco sobre o negro. Na própria fala das educadoras evidencia-se uma análise crítica que indica a não inserção deste grupo racial no contexto da creche: *“Fazendo uma análise bem rápida, a casinha da boneca de todas as bonecas tem uma só negra. Os livros de conto de fadas, por exemplo, que é sempre bem visto nesta idade... A chapeuzinho vermelho não é negra, a branca de neve não é negra, então a presença desse grupo racial não esta inserido não.”*

Tendo em vista que o ideal de embranquecimento se utiliza da desvalorização e negação da cultura negra atrelada a inculcação de padrões e condutas socialmente valorizadas no meio dominante para se impor, poderíamos dizer que muitos livros, bonecas, revistas, entre outros, recursos, por meio da prática das educadoras, configuram-se em mecanismos de discriminação que fortalecem o ideal supracitado.

Deste modo, o ideal de branqueamento produz, desde a infância, nas populações negras o processo de fragmentação da identidade negra, na medida em que opera uma dicotomia entre assumir a própria identidade e valores (negros) e ver-se distanciado do modo ideal à custa da dissolução da identidade (SOLIGO, 2001).

Para além da questão dos recursos pedagógicos, existem dois pontos bem evidentes e importantes na maioria das falas destacadas até então, ou seja, a idéia de “naturalidade” e o reforço de que “todos nós somos iguais”.

Quanto esta idéia do natural é possível destacar que: “As pessoas já nascem impregnadas de cultura. ‘Não há essência humana geral, ‘natural’, fora das condições sociais, históricas, específicas que a define’” (SOW, 1970:140, apud SILVA, 1988, p.101).

A respeito da frase “somos todos iguais”, podemos dizer que tal discurso de igualdade trás más conseqüências, pois à medida que os agentes pedagógicos não reconhecem o direito da diferença, acabam mutilando a particularidade cultural de um segmento importante da população brasileira (VALENTE, 2005).

A título de exemplo destaco esta fala:

“A importância nessa faixa etária eu acho que é... É pra gente né, pra trabalhar essa naturalidade. Eu acho que não existe essa diferença, essa cor. Isso é uma concepção minha: nós somos iguais. Mas é do adulto isso, as crianças tratam como iguais. Por que é importante você trabalhar já desde criança o natural, para eles crescerem assim, porque a gente tem uma sociedade preconceituosa” (Educ. MI).

A educadora fala como se a criança estivesse resguardada dos preconceitos existentes na sociedade, como se os conflitos étnico-raciais não perpassassem pelas instituições de ensino. Ela insiste na idéia de que “preconceito é coisa de adulto” e, assim, afirma trabalhar o natural. Deste modo, podemos questionar qual o parâmetro para ensinar o natural, ou até mesmo o que devemos entender por “natural”.

QUANTO À NECESSIDADE DA CRIANÇA NEGRA DE ENCONTRAR OBJETOS DE IDENTIFICAÇÃO PARECIDOS COM ELA MESMA

As educadoras afirmam unanimemente que há necessidade da criança negra de encontrar objetos de identificação parecidos com ela mesma. Porém, já constatamos no decorrer do trabalho a dominância da figura branca nos recursos da creche, ou seja, tal constatação nos ajuda a entender a não-identificação da criança com determinados objetos como destaca uma das educadoras:

“Ah! Eu acho que se tivessem mais recursos esta identificação seria bem mais tranqüila, porque eu não observo isto. Igual à bonequinha negra eu nunca tive criança que pedisse exatamente aquela, entendeu? Ou, por exemplo, está vendo a figura de um bebe negro no quadro de figuras e fala este sou eu nunca vivenciei isto mais em contrapartida tem uma fita do Bebê mais tem uma menininha loura de cabelos voando na nuvem e todo o mundo e toda a turma a identifica como a R. Talvez porque a figura do branco seja muito presente, entendeu?” (Educ. V)

Aliás, esta ausência da figura negra nos recursos pedagógicos imporá à criança negra a identificação com a cultura e estética branca como já vem ocorrendo a muito no Brasil nas instituições de ensino.

Souza (2002) aponta, em seu estudo, que muitas vezes as crianças revelam o desejo de ser brancas, de ter cabelo liso, em comparação a

personagens de histórias infantis, reforçando a imagem que ela faz de si e negando sua condição racial.

Ademais, quando abordamos esta temática conseguimos apreender no discurso das educadoras representações negativas acerca das crianças negras, ou seja, a idéia do negro como “o diferente”, “o escurinho”, “o que causa curiosidade”

Deste modo, podemos destacar que já na creche as crianças negras começam o processo de construção de uma imagem negativa de si e valorização da imagem do outro (branco), culminando em uma identidade que nega os elementos de sua própria origem, cultura e estética, tal como foi constatado pela pesquisa de Cavalleiro (2003).

QUANTO ÀS POSSÍVEIS MANIFESTAÇÕES DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO POR PARTE DAS CRIANÇAS

Algumas educadoras afirmaram que tiveram experiência com o preconceito entre as crianças, mas nunca nesta faixa etária (0 a 3 anos). E acrescentaram a idéia de que o preconceito vem apenas da família.

(...) as crianças negras em seu processo de desenvolvimento têm diversas possibilidades para internalizar uma concepção negativa de seu pertencimento racial, favorecendo a constituição de uma auto-imagem depreciativa. (...) Podemos concluir que, aos 4 anos de idade, as crianças já passaram por processos de subjetivação que as levam a concepções muito arraigadas no nosso imaginário social sobre o branco e o negro e conseqüentemente, sobre as positivities e negatividades atribuídas a um e outro grupo racial. No entanto, isso pode ter sido favorecido pela instituição a partir das concepções e dos valores das profissionais envolvidas com essas crianças e, também, pelos pais (OLIVEIRA, 2005, p.30).

È importante que o educador tenha consciência da dimensão e da influência que as relações dentro da creche têm sobre a crianças, pois é a partir destas relações e das comunicações advindas das mesmas que crianças e adultos

constroem, transformam e compartilham suas representações sociais. Segundo Moscovici (2003) as representações sociais entram para o mundo comum e cotidiano em que nós habitamos e discutimos com nossos amigos e colegas e circulam na mídia que lemos e olhamos, ou seja, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nos ligamos uns aos outros.

Na escola se encontram todas as relações que se desdobram na sociedade. Ali, estão presentes diferentes maneiras de significar o mundo, as pessoas, a vida, entretanto só são admitidas as manifestações da cultura que pretende ser a dominante, sendo as demais abafadas. Enquanto esta situação perdurar, a escola não estará favorecendo o crescimento humano de cada um dos seus integrantes: alunos, professores, funcionários, tampouco daqueles que a influenciam, as entidades mantenedoras e os especialistas em educação (SILVA, 1988; p.108).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontro racismo e preconceito nas coisas da escola? Sim, e muito; e como poderia ser de outro modo? Estamos falando de uma instituição que: busca homogeneidade (remanejamentos, etc.); tem um perfil de bom aluno, do bom professor, acredita que existe o melhor método, uma única melhor maneira de ensinar isto ou aquilo; que tem especial apego a escalas de desenvolvimento, a padrões de aprendizagem (...) (KRAMER, 1995, p.69).

No exercício de desvelar as relações raciais na educação infantil constatamos que o preconceito racial perpassa por esta instituição do mesmo modo que assola veladamente o segmento negro na sociedade brasileira de um modo geral. Os mecanismos de discriminação operam sobre as crianças negras por meio dos recursos pedagógicos da creche, bem como pela prática pedagógica das educadoras.

A falta de recursos pedagógicos que visam representar o negro positivamente acarreta na não-construção de uma identidade afro-descendente pela criança negra, ou seja, a mesma se desenvolve no ambiente educacional a partir dos modelos branco europeu de valores, cultura e estética. Deste modo, aprendendo desde muito cedo a negar sua condição étnico-racial.

As representações construídas acerca do segmento negro, bem como da criança negra, identificadas no discurso das educadoras, reforçam o mito da democracia racial e o ideal de branqueamento, demonstrando que os profissionais da educação não compreendem a dinâmica do racismo na nossa sociedade e por isso reproduzem o mesmo no contexto escolar.

Foram identificadas, portanto, representações negativas acerca das crianças negras, tais representações indicam a idéia do negro como “o diferente”, “o escurinho”, “o que causa curiosidade”, etc.

Deste modo, a falta de representação ou a sub-representação dos negros nos recursos pedagógicos e a representação social negativa do negro por parte de algumas educadoras são compartilhadas cotidianamente entre as crianças e adultos, que estão inseridos no contexto da creche, impedindo que outras representações, positivas, acerca do segmento negro sejam construídas. Assim, os mecanismos de discriminação das crianças negras são legitimados na comunicação e nas práticas sociais e de ensino, dos indivíduos inseridos no contexto educacional.

Para agravar, une-se a estas constatações, a falta de prática pedagógica que vise à valorização da diversidade racial, ou seja, a maioria dos educadores não combate o racismo através de sua prática pedagógica, uns por acharem que o racismo não existe, outros por não saberem como fazer.

Algumas medidas isoladas foram identificadas no sentido de valorizar as características dos afro-descendentes, mas não foi constatada nenhuma prática efetiva e ampla o suficiente que visasse construir outras identidades do mesmo modo que a identidade, a cultura e os costumes brancos o são.

Entendemos desta forma, que os educadores, que atendem a pequena infância, não estão sendo preparados para incorporarem em sua prática a diversidade racial, deste modo as crianças vivenciam um espaço de socialização que não respeita suas origens étnico-raciais e que não promove a valorização da diferença. Deste modo, fazem-se necessárias medidas mais efetivas de combate ao preconceito racial nas instituições de ensino que atendem as crianças na pequena infância.

Para tanto, é necessário que a temática do racismo seja abordada nos cursos de formação e que os currículos escolares sejam multirraciais e multiculturais, mas acima de tudo crítico. Ademais, a diferença deve ser mais que tolerada ou respeitada pela instituição de ensino, ou seja, ela deve ser colocada permanentemente em questão (SILVA, 2005).

Para os sistemas de ensino acertarem os passos com os afro-brasileiros, é preciso bem mais do que as importantes iniciativas e justas vontades do Movimento Negro através de seus grupos organizados. Urgem políticas vinculadas aos objetivos macro, estabelecidos para a nação brasileira e articuladas aos diferentes setores sócio-culturais que formam a sociedade. Já não Bastam as políticas pontuais, de curta duração ou impraticável execução, ou ainda de caráter assistencialista [...]. Políticas geradas no atual contexto de globalização econômica e social, sem entretanto perder de vista o pluralismo cultural de nosso país, as identidades dos diferentes grupos étnicos e sociais, as necessidades dos diferentes setores da população (SILVA, 1997, p. 47).

REFERÊNCIAS

DÓRIA, A. **O Preconceito em Foco: Análise de Obras Literárias Infanto-Juvenis: Reflexões sobre História e Cultura.** São Paulo, Paulinas, 2008. (Coleção educação em foco. Série educação, história e cultura).

DIMENSTEIN, G. **O Cidadão de Papel: A infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil.** São Paulo: Ática, 2001.

DUVEEN, G. Prefácio de MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** 4ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** São Paulo: Cortez, 1995

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social.** 4ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

OLIVEIRA, F. **Ser negro no Brasil: alcances e limites.** *Estud. av.*, Jan. / Abr. 2004, vol.18, n°.50, p.57-60.

SILVA, A. Ideologia do Embranquecimento. In ROMÃO, Ivan (organizador) et. al. **As Idéias Racistas, Os Negros e a Educação.** Série O Pensamento Negro na Educação Santa Catarina: 1997. p. 10-20

SILVA, C. A questão étnico-racial na sala de aula: a percepção das professoras negras. IN OLIVEIRA, Iolanda et. al. (orgs). **Negro e Educação 4: linguagens, resistências e políticas públicas.** São Paulo: Ação Educativa; AMPED, 2007. p. 153-170

SILVA, M. Pedagogia multirracial em contraposição à ideologia do branqueamento na educação. In ROMÃO, I. (org.) et. al. **As Idéias Racistas, Os Negros e a Educação.** Série O Pensamento Negro na Educação Santa Catarina: 1997. p. 22-37

SILVA, P. B. G. e. Vamos acertar os passos? Referências Afro-brasileiras para o sistema de ensino. In ROMÃO, I. (org.) et. al. **As Idéias Racistas, Os Negros e a Educação.** Série O Pensamento Negro na Educação Santa Catarina: 1997. p.41- 57

_____. Cultura negra e experiências educativas. In MELO, R.; COELHO, R. (org.). **Educação e discriminação dos negros.** Belo Horizonte, IRHJP, 1988. p. 53-58.

SILVA, T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 156p.

SOLIGO, A. F. **O Preconceito Racial no Brasil: análise a partir de adjetivos e contextos.** 2001. 231f. Dissertação (Doutorado em Psicologia)- Curso de Pós-graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

SOUZA, Y. **Crianças Negras:** deixei meu coração embaixo da carteira. Porto Alegre: Mediação, 2005.

VALENTE, A. L. **Ação afirmativa, relações raciais e educação básica.** Revista Brasileira de Educação. N° 28, 2005. p.62-76.